

ANGLOLUSOFILIAS  
Alguns Trânsitos Literários

---

Título: Anglulusofilias. Alguns Trânsitos Literários

Autor: Jorge Bastos da Silva

Capa: Departamento gráfico | Edições Afrontamento

Edição: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamento

Conceção gráfica: Departamento gráfico / Edições Afrontamento

Coleção: Estudos de Literatura Comparada, 24

N.º de edição: 1930

ISBN: 978-972-36-1704-7

Depósito legal: 449411/18

Execução gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.  
comercial@companhiadasartes.pt

© Autor, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

www.ilcml.com

Esta publicação foi desenvolvida e financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico «UID/ELT/00500/2013» e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE «POCI-01-0145-FEDER-007339».

Esta publicação não segue o último acordo ortográfico.

# Angloluofilias

## Alguns Trânsitos Literários

---

Jorge Bastos da Silva



**ILCML**

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA  
MARGARIDA LOSA

 Edições  
Afrontamento

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
INSTITUTO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

UID/ELT/00500/2013

**COMPETE**  
**2020**

**PORTUGAL**  
**2020**



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional



**GOVERNO DE**  
**PORTUGAL**

POCI-01-0145-FEDER-007339



## Sumário

---

<i>Prefácio</i> .....	7
<b>Um Nenhures Cosmopolita: A Emergência do Espectro Semântico de «Utopia» nas Primeiras Traduções da Obra Moreana</b> .....	11
<b>Alcipe Tradutora (Reescritas e Apropriações)</b> .....	23
<b>John Milton e a Liberdade de Imprensa no Liberalismo Português</b> .....	41
<b>Mary Shelley e a Literatura Portuguesa do Renascimento</b> .....	55
<b>Formas de Antologiar as Brontë</b> .....	73
<b><i>Ivanhoe</i> e o Drama Histórico do Romantismo Português (em torno de Alfredo Possolo Hogan – e com uma hipótese sobre o <i>Frei Luís de Sousa</i> de Garrett)</b> .....	85
<b>O Anglicismo pouco Assimilado de João Penha</b> .....	109
<b>Avatares Novelísticos de <i>Romeo and Juliet</i></b> .....	125
<b>João Medina, a Utopia e a Negação da Utopia</b> .....	161
<b>Índice remissivo</b> .....	189



## Prefácio

---

O título *Anglolusofílias* remete para o denominador comum dos ensaios reunidos na presente colectânea, que se debruçam sobre o modo como um conjunto muito heterogéneo de intelectuais portugueses dos séculos XVIII a XXI mostraram interesse por realizações (predominantemente) literárias da Grã-Bretanha e nestas colheram ideias e influências para a escrita e para a intervenção político-cultural, no mais amplo sentido que possa ser dado a este termo – aquele que se prende com ilustrar e transformar a sociedade em que viveram, ora por meio da exposição de teses que preconizaram, ora por via da sátira, ora, ainda, mediante traduções e adaptações que recriavam e divulgavam os referentes que se lhes afiguraram merecedores, ao abrigo de orientações estéticas e ideológicas por demais variadas.

Em trânsito de sentido inverso, mas à luz da mesma premissa da convergência, são ainda considerados dois objectos de estudo, díspares entre si mas, por coincidência, ambos atinentes a reescritas da cultura da Renascença. O primeiro diz respeito à fortuna internacional da Utopia de Thomas More, com a sua homenagem ambivalente aos Portugueses na figura do nauta que visita a mirífica ilha, e ao modo como dessa obra e das apropriações dela realizadas vieram a decorrer consequências culturais e linguísticas múltiplas. O segundo constitui um caso particular de atenção à literatura portuguesa do Renascimento, radicada num ambicioso projecto editorial, de cariz enciclopédico, que contou com a colaboração de Mary Shelley, autora de cujo *Frankenstein* se assinala agora o bicentenário e que quisemos recordar sob um ângulo diferente. Mary Shelley, nesta faceta pouco mais que ignorada, é assim surpreendida numa sorte de lusofilia – em boa verdade enquadrada por um propósito de instrução abrangente, universalizante, quer no que respeita à panóplia de saberes, quer no atinente à diversidade de culturas abarcadas, da qual se extrai uma espécie de cosmopolitismo digno de realce. Um efeito feliz desta concorrência de anglofilias e lusofílias é que o presente volume abre e termina sob o signo do (anti-)utopismo, temática que de há muito nos acompanha.

*Acresce, escusado será dizê-lo, que o título desta recolha também expressa a anglo-lusofilia que em boa parte – ainda que, claramente, não em exclusivo – delimita o âmbito dos interesses académicos do autor.*

*Cumpre-nos referir – e com o maior gosto o fazemos – um conjunto de Colegas e instituições dos quais os textos são devedores. Em primeiro lugar, mencionamos o Professor Doutor Gonçalo Vilas-Boas, em cujo colóquio de homenagem se inseriu originalmente o estudo sobre Walter Scott e Alfredo Possolo Hogan, aqui recuperado. Agradecemos ao Professor Doutor Francisco Topa e à Doutora Elsa Pereira, que nos convidaram a reflectir sobre a obra de João Penha; não fora esse amável convite para um colóquio, a feitura do nosso estudo seria improvável. Agradecemos de igual modo ao Professor Doutor João Medina, pelas palavras de apreço e a bibliografia que teve a amabilidade de nos enviar após a publicação na revista Colóquio/Letras da versão primitiva do ensaio que escrevemos sobre a sua obra. Finalmente, compete-nos reconhecer ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Loisa, na pessoa da Professora Doutora Ana Paula Coutinho Mendes, sua actual directora, o apoio concedido a mais um trabalho da nossa autoria.*

Porto, Dezembro de 2018

Jorge Bastos da Silva



Os romanos são o grande povo que ha principalmente a estudar nos tempos antigos, como os inglezes (olhae que nós admiramo-los sem os amar) são o grandissimo povo que ha principalmente a estudar nos tempos modernos.

[Alexandre Herculano], «O Caminho de Ferro e a Nacionalidade»,  
*O Portuguez*, 28 de Abril de 1853

O character do viajante varia, todavia, conforme a nação a que pertence. O homem do norte, e o homem do meio dia constituem dois viajantes totalmente diferentes. O primeiro viaja para gastar dinheiro: o segundo gasta dinheiro para viajar.

Aquelle olha: este vê, enthusiasma-se, e impressiona-se.

O inglez visita as ruinas de Palmyra de casaca preta e luvas brancas, porque até nessa solidão receia cair no *improper*, que é o eterno *cabrion* da nação britannica.

Júlio César Machado, «Phisiologia do Viajante»,  
*A Revolução de Setembro*, 16 de Maio de 1857

